

Professor Sérgio Ávila em declarações ao Correio dos Açores

Os Açores são pioneiros ao criarem o Paleoparque de Santa Maria com 4 rotas dos fósseis em terra e uma marítima

Quando a Assembleia Legislativa Regional aprovou anteontem, por unanimidade, o diploma que cria o Paleoparque de Santa Maria estava a fazer história. A Região Autónoma passou a ser pioneiro na paleontologia e um dos seus principais impulsionadores, o investigador Sérgio Ávila, relewa o que ganha a ilha e o arquipélago com a sua existência. Este Paleoparque já foi apresentado em Paris e gerou grande entusiasmo entre os cerca de mil investigadores que participaram no congresso internacional. Criou-se uma grande dinâmica de se criarem paleoparques em outras regiões do planeta, seguindo os passos dados nos Açores.

Qual a importância do Paleoparque de Santa Maria?

Professor Sérgio Ávila (investigador do Departamento de Biologia da Universidade dos Açores) - O Paleoparque de Santa Maria é único em todo o mundo, é um projecto conjunto da nossa equipa de investigação com o apoio total da Associação Internacional de Paleontologia.

Estive na semana passada em Paris, no Congresso Mundial de Paleontologia, onde participaram cerca de mil investigadores de todo o mundo, onde fiz uma apresentação relacionada com tudo o que foi desenvolvido por parte da nossa equipa de investigação que levou a que o Governo Regional dos Açores manifestasse o seu interesse em criar o Paleoparque que representa uma distinção da ilha de Santa Maria relativamente a todas as outras.

O Geoparque Açores foi feito de modo a promover o turismo e a geoconservação numa estratégia de sustentabilidade e utilização dos recursos naturais dos Açores e protege todas as ilhas dos Açores e também alguns locais como fontes hidrotermais de profundidade.

O Paleoparque de Santa Maria, no fundo, aproveita este grande chapéu que é proporcionado pelo Geoparque Açores, mas permite diferenciar e promover o património paleontológico dos fósseis que, nos Açores, só existem na ilha.

A tremenda mais-valia que ganhámos é a oportunidade de podermos utilizar um selo turístico de qualidade, que é assegurado através da chancela da Associação Internacional de Paleontologia, tendo algo que foi absolutamente inovador mesmo a nível mundial. É a primeira vez que é criado um paleoparque que protege toda uma ilha, como o caso de Santa Maria.

Isto nunca se tinha sido realizado e despertou um interesse brutal dos participantes no Congresso em Paris. Nós demos o pontapé de saída que será seguido por muitos governos e muitos investigadores a nível mundial que estão, neste momento, também com paleoparques em fase de concretização e, no fundo a imitar-nos, porque fomos pioneiros neste aspecto, utilizando como cópia o diploma regional que será publicado em breve.

Esta é uma iniciativa que vai ser seguida por muitos outros governos e muitos outros investigadores.



Investigador Sérgio Ávila em trabalhos de campo numa das zonas de fósseis de Santa Maria. Ontem o investigador não escondia uma grande satisfação pela criação do Paleoparque da ilha.

O que ganha Santa Maria com o Paleoparque?

Nos Açores existem, reconhecidas pela UNESCO, por exemplo, as Reservas da Biosfera. Podemos também perguntar o que ganham as ilhas dos Açores que são Reservas da Biosfera? Ganham publicidade porque, no fundo, têm uma entidade externa que é reconhecida, neste caso a própria UNESCO, que garante, por exemplo, na zona da vinha protegida da ilha do Pico, que aqueles empreendimentos, seja de protecção de paisagem ou protecção das actividades culturais, sejam mantidos de forma íntegra e utilizados de forma sustentável.

Ora, o que o Paleoparque vai fazer é precisamente isso, é permitir uma utilização sustentável através de todos os recursos turísticos que a nossa equipa de investigação tem produzido para Santa Maria, tais como a Rota dos Fósseis, com quatro rotas delineadas em terra e um trilho marinho que é inovador ao nível do Atlântico, que consiste na volta à ilha de Santa Maria de barco com desembarque em determinadas jazidas fósseis onde os fósseis são explicados.

Os guias que vão com estes turistas já receberam acções de formação em 2014 e

“O Paleoparque vai permitir uma utilização sustentável através de todos os recursos turísticos que a nossa equipa de investigação tem produzido para Santa Maria, tais como a Rota dos Fósseis, com quatro rotas delineadas em terra e um trilho marinho que é inovador..”

2015. Por outro lado, o próprio museu, que é a Casa dos Fósseis, e que foi inaugurado o ano passado, é a estrutura centralizadora de toda a divulgação turística relacionada com o património paleontológico da ilha de Santa Maria.

Que dimensão têm os nichos de turistas para a paleontologia?

As pessoas quando vão às Canárias ou

Cabo Verde, ao fim de três ou quatro dias, fazem turismo de sol e pouco mais têm para fazer. Em termos de turismo e em termos de actividades turísticas, nos Açores, não podemos ficar só pelo turismo de observação de baleias e pelo turismo dos trilhos pedestres.

A ilha de Santa Maria tem, actualmente, imensos turistas que visitam a ilha para fazer mergulho, seja na Baixa do Ambrósio no mergulho com jamantas seja para nadar com tubarões. E a actividade de whale watching está extremamente desenvolvida nas nossas ilhas mas, em Santa Maria, nem tanto.

Por razões de segurança, os mergulhadores não podem fazer um mergulho no dia anterior à sua partida de avião da ilha de Santa Maria. Pode-lhes ser proporcionada uma actividade relacionada com o mar. E podem, por exemplo, fazer o trilho marinho, que é um trilho fantástico, onde vão observar fósseis e ver as paisagens da ilha de Santa Maria, já que esta é mais uma actividade, mais um nicho de mercado que pode ser explorado também pelas empresas marítimo-turísticas da ilha de Santa Maria.

O que se vai seguir na investigação que tem vindo a desenvolver?

Muita coisa. Nós temos, neste momento, muitos projectos entre mãos, alguns deles de grande dimensão, relacionados quer com os estudos de biogeografia, quer com os estudos de paleontologia, quer com os estudos de sistemática, mas todos eles têm uma coerência interna.

Nós, neste momento, estamos a fazer muita investigação em Cabo Verde e também na ilha de Porto Santo, no arquipélago da Madeira. E todos estes estudos têm como objectivo final a possibilidade de termos uma transferência imediata do conhecimento científico para a sociedade, seja através da escrita de livros, seja através da escrita e realização de um documentário de televisão ou através da criação de recursos turísticos como é o caso das várias rotas fósseis. E iremos criar rotas em todos estes arquipélagos e existe também a perspectiva de criarmos uma rede integrada dos museus que existem na Macaronésia e cujo objectivo principal passa pela protecção e divulgação do património paleontológico.

**João Paz
Joana Medeiros**